



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE FILOSOFIA

ADRIANA SOLETTE RADIN

**O PROPÓSITO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NA FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO DEWEYANA**

ERECHIM

2020

ADRIANA SOLETTE RADIN

**O PROPÓSITO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NA FILOSOFIA DA
EDUCAÇÃO DEWEYANA**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva

ERECHIM

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Radin, Adriana Solette
O PROPÓSITO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NA FILOSOFIA
DA EDUCAÇÃO DEWEYANA / Adriana Solette Radin. -- 2020.
41 f.

Orientador: Ilton Benoni da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim, RS, 2020.

I. Silva, Ilton Benoni da, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

O PROPÓSITO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DEWEYANA

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Erechim, ____ de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ilton Benoni da Silva (Orientador)UFFS –Campus Erechim

Prof. Dr. Celso Eidt –Campus de Erechim

Prof^ª. Mest. Sueli Pokojeski –Campus de Erechim

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento primeiramente a Deus, por atender à todos os pedidos feitos em orações, em especial, a conclusão do curso superior.

A minha família que sempre me incentivou a correr atrás dos meus sonhos e, constantemente cooperou na minha jornada acadêmica, me dando forças para chegar até aqui.

Aos amigos e colegas de curso mais próximos, que sempre me incentivaram a seguir em frente independente das circunstâncias.

Aos professores do Curso de Filosofia, dos quais sinto muito orgulho em dizer que um dia fui aluna desse corpo docente e, em especial, ao meu orientador, por ter se demonstrado tão paciente e pertinente em suas orientações, para que eu seguisse fiel à construção e conclusão deste trabalho, mesmo nos momentos de incertezas e angústias.

Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram e me deram forças para que esse momento se tornar realidade.

RESUMO

A Filosofia está conectada ao modo de pensar do homem desde o período antigo em que a reflexão sobre a vida e as condições naturais do ser humano se tornaram pertinentes ao modelo de vida das pessoas. A educação no mesmo sentido, faz parte de toda a história da humanidade por estar relacionada ao homem e sua condução à vida social, exercendo a função de orientar, ensinar, e formar indivíduos capazes de conviver nesse ambiente. Nestes termos, o presente trabalho apresenta uma análise e proposições a uma filosofia da educação que se guia sobre os alicerces da experiência humana como ação condutora da vida, esta que segue em constante movimento. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo central estudar os argumentos trazidos na Filosofia da Educação apresentada por John Dewey, partindo da obra deste autor Norte Americano: “Democracia e Educação” (1916), acordando, com o segundo plano, verificar a pertinência e repercussão de seu pensamento nos debates educacionais ocorridos nos dias atuais no Brasil. O que se apresenta, portanto, é um sintético parecer da história da educação e sua trajetória até os tempos atuais, além das competências destinadas a esta durante sua trajetória no meio social, e de reflexões sobre sua importância e de modelos metodológicos viáveis na formação indivíduo.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Sociedade. Experiência. Indivíduo.

ABSTRACT

Philosophy is connected to the way of thinking of man since the ancient period when the reflection on life and the natural conditions of the human being became relevant to the model of people's lives. Education in the same sense is part of the entire history of humanity because it is related to man and his conduct to social life, exercising the function of guiding, teaching, and training individuals capable of living in this environment. In these terms, the present work presents an analysis and propositions to a philosophy of education that is guided by the foundations of human experience as an action that conducts life, which continues in constant movement. This Course Conclusion Paper (TCC) has the central objective of studying the arguments brought up in the Philosophy of Education presented by John Dewey, starting from the work of this North American author: "Democracy and Education" (1916), agreeing, with the background, to verify the relevance and repercussion of his thinking in the educational debates that take place today in Brazil. What is presented, therefore, is a synthetic opinion of the history of education and its trajectory until the present times, in addition to the competences destined to it during its trajectory in the social environment, and reflections on its importance and viable methodological models in the individual formation.

Keywords: Philosophy. Education. Society. Experience. Individual.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A LEITURA DE DEWEY AOS MODELOS EDUCACIONAIS ANTECESSORES À IDADE MODERNA	12
2.1 OS MODELOS EDUCACIONAIS ANTECESSORES À DEWEY	14
2.2 A ESCOLA TRADICIONAL E AS NOVAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO A PARTIR DA IDADE MODERNA.....	17
3 DA TRADIÇÃO AO MÉTODO PROGRESSISTA: A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE JOHN DEWEY	22
3.1 O PRAGMATISMO DEWEYANO EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO PROGRESSIVA	25
3.2 O EFEITO PRÁTICO DA ESCOLA NOVA.....	27
3.2.1 A dualidade da experiência e sua aplicabilidade na educação progressiva	30
3.3 MÉTODOS EDUCACIONAIS DEWEYANOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	32
3.3.1 Objeções e concordâncias sobre a filosofia da educação deweyana no cenário atual de educação no brasil	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo central estudar os principais argumentos trazidos na Filosofia da Educação apresentada por John Dewey, partindo da obra deste autor Norte Americano: “Democracia e Educação” (1916), acordando, com o segundo plano, verificar a pertinência e repercussão de seu pensamento nos debates educacionais ocorridos nos dias atuais no Brasil. Se, uma das pretensões da educação é formar indivíduos propensos ao espírito autônomo e democrático, a instituição escolar torna-se contribuinte enquanto um dos instrumentos dessa mudança. Dessa forma, tomo como considerável a filosofia da educação proposta por John Dewey para a realização de tais mudanças ao concordar com sua proposta inovadora diante da educação. Marcus Vinicius da Cunha comentador e apresentador da obra citada acima, diz que em *Democracia e educação (1916)* traz em seu texto “uma profunda reflexão sobre o cerne do problema da escola contemporânea: a inexistência de uma sociedade verdadeiramente democrática.” Sendo assim, buscarei apresentar de forma sucinta, porém objetiva, a intenção deste filósofo em contribuir no avanço educacional e social por meio da sua concepção de educação progressiva.

Pensando nisso, ocorre a seguinte dúvida expressa na pergunta: A partir das concepções de John Dewey sobre democracia e educação, sua proposta filosófica de educação ainda se faz pertinente diante da análise dos estudiosos de sua obra, aos temas e problemas da educação brasileira nos dias atuais? Para dar conta dessa pergunta e outras, que podem emergir ao longo das reflexões, nosso trabalho se orienta por meio da exploração bibliográfica, tendo como estratégias metodológicas leituras, fichamento de obras, do próprio Dewey e de comentadores/estudiosos de seu pensamento, sendo assim, pertinentes ao tema, análise e síntese do material selecionado, bem como, a organização e elaboração dos resultados, sob a forma de texto reflexivo.

O trabalho está organizado em quatro partes, sendo uma introdução, dois capítulos e as considerações finais. Dos dois capítulos, o primeiro se presta a fazer uma retrospectiva da, “A educação em seus respectivos períodos”. Aqui o propósito é fazer uma breve apresentação do contexto histórico da educação em cada período, ou seja, desde os primórdios da Idade Antiga até os dias atuais. O objetivo dessa análise panorâmica, não é tanto aprofundar esse assunto, mas salientar aspectos significativos dos movimentos constituidores do que Dewey irá chamar de “A escola tradicional”, em que serão expostas algumas concepções que vem a ter importância na Filosofia da educação de Dewey. Já o segundo capítulo, designado, “Da

tradição ao método progressista: a atualidade do pensamento” de John Dewey, tem por objetivo expor a nova filosofia da educação proposta por John Dewey, assim por ele denominada Educação Progressiva. Além disso, pretende-se examinar se essa nova Filosofia da Educação, que abrange questões pedagógicas, históricas e sociais, continua atual e orientadora para estudos, projetos e políticas educacionais no Brasil de hoje, tomando por base de análise, comentários realizados por estudiosos de sua obra no país.

Marcus Vinícius Cunha (2001, p. 89), que é também um dos principais estudiosos do pensamento de Dewey no Brasil, será o crítico destacado por nós para essa análise, mas outros pensadores também são chamados a manifestarem-se a esse respeito. Ele descreve em um de seus trabalhos que Dewey, em *Democracia e Educação* (1916), toma a filosofia e as atividades científicas como ferramentas essenciais na reconstrução de valores e conceitos sociais, e o ambiente escolar vem a ser o espaço mais apto para se trabalhar nessa direção.

Dewey atribui aos educadores a responsabilidade de utilizar a ciência para modificar atitudes e hábitos de pensamento pouco adequados ao projeto de construção da sociedade democrática. A educação é campo fértil para a filosofia por fornecer o espaço de investigação que esta necessita para testar suas hipóteses sobre o homem, mais precisamente sobre o homem em coletividade. Vem daí a concepção deweyana de que a filosofia pode ser vista como a ‘teoria geral da educação’, se esta for entendida como ‘processo de formar atitudes fundamentais, de natureza intelectual e sentimental, perante a natureza e os outros homens’.

O processo de aprendizagem deve ser visto como motivação para os educandos, melhor dizendo, os alunos necessitam de métodos que os motive a buscar em si mesmos suas habilidades e conhecimentos de modo que os desperte para um espírito de progressão, este que Dewey toma como um dos instrumentos da sua filosofia. Ali (2014, p. 18) afirma em seu texto sobre a contribuição deweyana no processo pedagógico moderno que:

Podemos dizer que a obra *Democracia e Educação* (1916) é uma exposição de sua teoria educativa baseada nas ideias decorrentes de seu tempo, que são: as ações do método das ciências experimentais, a evolução assumida pelas correntes de pensamento biológico e a nova organização industrial. Elas fizeram com que Dewey analisasse as matérias e o método educativo, elaborando uma filosofia da educação como resposta ao desenvolvimento social e ao crescimento democrático.

Outro ponto importante de se destacar em relação a Dewey é que este autor ficou conhecido por fazer uso do pragmatismo, em que segundo Ali (2014): “Dewey desenvolve sua interpretação do pragmatismo através de um sistema de ações humanas que contribuem para o crescimento e desenvolve uma noção natural, isto é, orgânica do termo.” (p. 19). Ou seja, “[...] Dewey utiliza-se das idéias pragmáticas de verificação da verdade, a fim de

estabelecer um método de pensamento eficaz à criação de hábitos inteligentes, atribuindo-o aos métodos científicos”. (ALI, 2014, p. 21).

No entanto, os apontamentos feitos neste trabalho serão relevantes na medida em que contribuirão para que possamos compreender dentro de nossas competências, a dimensão da colaboração do autor para a educação. Ainda, para que seja possível justificar esta pesquisa, considero importante trazer para conhecimento dos leitores que minha inspiração se assim posso dizer, nasceu das observações feitas a partir do Estágio e também da participação, primeiramente como voluntária e, posteriormente, como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), experiências que me oportunizaram a ter um contato maior com o ambiente escolar, bem como, um vasto processo de aprendizagem associado a teoria e a prática. A aproximação com as instituições escolares, podendo vivenciar um pouco da sua realidade, obtendo assim, experiências relevantes, me fez buscar além dos autores estudados durante o curso, outros que de alguma forma contribuíram teoricamente para o debate acadêmico e científico e, também, buscaram realizar suas idéias, ou seja, torná-las reais no âmbito educacional.

Desta forma, considero pertinente destacar o conceito de “experiência” como parte decisiva para melhor compreender o pensamento de Dewey, especialmente naquilo que é possível considerar o aspecto do desenvolvimento prático da sua filosofia. É preciso também ao menos comentar¹ que a própria tradição filosófica tem em sua história outros pensadores, como é o caso de J. J. Rousseau, que se dedicaram ao estudo da experiência nos processos formativos do ser humano. Conforme destaca Sbrana (2018, p. 27) em seu artigo que trata da aproximação entre a filosofia educacional de Dewey e a de Rousseau.

Sendo assim, ao iniciar os estudos sobre filosofia da educação e associá-la com certas práticas vivenciadas, foi perceptível a relevância em trazer para este Trabalho de Conclusão, o pensamento de John Dewey. Mesmo sabendo que muitos de seus trabalhos se atribui a sua experiência enquanto cidadão estadunidense, mas também, por ter buscado expandir ele para que outros países tivessem acesso a sua forma de pensar. Tanto deu certo que em nosso país por volta de 1.930, o Brasil também acaba sendo atingido com as mudanças decorrentes de outros países e percebe a urgência em modificar a forma de pensar dos indivíduos brasileiros, como comenta Cunha (2001). “Nesse contexto, a escola era vista como espaço privilegiado para a inserção do ímpeto transformador; uma escola transformadora, evidentemente, uma educação nova [...]”. (CUNHA, 2001, p. 87).

¹ Apenas um comentário relevante, pois não é o intuito nesse trabalho de agregar o estudo filosófico de outro autor de renome importante.

Contudo, acredito que apesar de todo o progresso obtido durante esses anos na educação e também na sociedade, ainda há certas omissões que fazem o conceito de democracia, especialmente este designado por Dewey, serem invisíveis a realidade vigente. Por isso irei tratar dessa questão mais objetivamente, no término do segundo capítulo e como quesito de conclusão deste trabalho de conclusão.

2 A LEITURA DE DEWEY AOS MODELOS EDUCACIONAIS ANTECESSORES À IDADE MODERNA

Para dar início aos estudos dos argumentos apresentados por Dewey em sua Filosofia da Educação, irei falar sobre suas percepções e críticas sobre os modelos educacionais que o antecederam. Tal reflexão torna-se pertinente na medida em que pensadores de períodos anteriores a John Dewey, também contribuíram no processo de formação do indivíduo, como apresenta Cardoso (2016, p.55):

As várias concepções de educação desenvolvidas na história estão ligadas a crenças sobre o conhecimento e sobre o papel da educação na vida cotidiana das pessoas e na sociedade. Recentemente, percebeu-se uma nova roupagem na educação, que passou a ter certa denominação ou nomenclatura, a qual se chamou educação tradicional e a progressiva ou nova.

Cardoso traz em seu artigo, a relação que Dewey faz entre educação tradicional e a progressiva, do mesmo modo, as críticas feitas por este filósofo sobre os modelos educacionais que marcaram a história da educação de outros tempos. Além de Cardoso, há outros comentadores deste pensador Norte Americano que buscam refletir sobre as concepções Deweyanas de educação.

O educador americano procurou mostrar que a Educação deve aproximar os indivíduos da experiência, pois é assim que terão condições de fugir do paradigma da tradição. Em outras palavras, está a dizer que partindo da visão europeia de mundo, educação estaria limitada abdicando de questões práticas e relacionadas ao modo de vida das pessoas pois, o contexto histórico da tradição remete a teorias de valor social associado a formação do sujeito moral e dedicado a princípios universais e imutáveis. Assim, Dewey cria uma filosofia construída a partir de suas críticas sobre a Filosofia tradicional, que se distingue da mesma por apresentar uma apropriação do pensamento reflexivo do sujeito com suas vivências cotidianas que enriquecem a experiência enquanto meio de conhecimento. Por isso ao construir sua filosofia da educação elaborou métodos empíricos em que toda experiência deve ser revisada, estudada, discutida, até a verificação de uma possível veracidade. De modo mais simples, a experiência deve passar pelo campo das impressões e emoções que são atribuídas ao sujeito de forma inata, para que depois possa ser concedida como valorativa para futuras experiências.²

²Trata-se portanto, da reflexão de experiências antigas, validação da experiência presente, para uma significação destas para experiências futuras.

Na prática, esta filosofia Deweyana deveria ser realizada em um ambiente que lhe oportunize as condições adequadas. A escola nesse sentido passa a ser o local em que John Dewey atribui esse papel de intermediadora entre sua filosofia enquanto teoria e o cotidiano/vida práticas dos indivíduos. A filosofia Deweyana passa a servir principalmente no momento em que se percebeu a necessidade de seguir novos rumos na educação, diante do cenário em que o país do filósofo estava passando. Dessa maneira, sua filosofia tomou lugar das metodologias aplicadas na Escola Tradicional, já que o ensino da Escola Tradicional respeitava as tradições da sociedade ocidental conforme a época, e também, a classe dominante se assim pode-se dizer. Isso significa que o currículo adotado, era formulado a partir dos saberes passados das gerações anteriores, além de ser fiel a práticas doutrinadoras. O ensino tradicional tinha como uma de suas características marcantes, o estudo sobre os conhecimentos históricos. Porém, o interesse na transmissão desse método era tão focado que a educação tradicional esqueceu de averiguar se essa metodologia tinha uma aplicabilidade resultante para os alunos. O ensino ficou conhecido posteriormente como um ensino de decoreba, justamente por atender apenas a questões de ordem formal, sem a pretensão de aproximar os educandos do verdadeiro sentido de aprender.

É nesse tempo que surge a ilustre figura do filósofo John Dewey, este educador buscou salientar durante seu período de vivência que, para que houvesse mudanças significativas nos moldes educativos, e mais tardar, atingindo a sociedade, era preciso que houvesse um trabalho conjunto entre filosofia, a educação e questões sociais. Além disso, seria preciso deslocar do presente e pensar também no futuro, levando em consideração que a experiência seja ela individual ou coletiva, sofre alterações no decorrer do tempo. No artigo *A Contribuição de John Dewey para a Educação (2009)*, os autores Pereira, Martins, Alves e Delgado, descreveram seus pensamentos a partir dos estudos feitos da Filosofia da Educação do filósofo e seu pensamento que marcou a trajetória da Educação da época dos americanos e mais tarde refletindo em outros países. Inicialmente, é perceptível verificar como já foi dito, que Dewey mudou o pensamento Norte Americano daqueles que estavam dispostos a ter essa nova experiência. Assim Pereira, Martins, Alves e Delgado (2009, p. 155) disseram o que tomo como conclusão dessa primeira parte:

John Dewey ao se inserir nesse contexto revolucionou o sistema educacional da época. Propondo novas técnicas pedagógicas que conduziram significativas modificações no modelo educacional vigente do país. Essas técnicas foram fundamentadas no pensamento liberal surgindo assim uma nova filosofia, conhecida como a Escola Nova ou Escola Progressista, representando no cenário educacional do país uma opção, ou mesmo como uma oposição ao ensino tradicional em vigor até então. Assim, esta nova política partia do princípio de que a escola deveria atuar

como um instrumento para a edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo.

2.1 OS MODELOS EDUCACIONAIS ANTECESSORES À DEWEY

Os primeiros passos da educação ocorreram ainda no período primitivo onde eram feitos desenhos nas paredes de cavernas, que atuou antes da escrita e, que hoje intitula-se como arte rupestre. Época em que o conhecimento era transmitido por meio da experiência e dedução. A vida em comunidade servia de imitação para as crianças que estavam começando a aprender, os costumes que eram repassados dos mais antigos para os mais novos, sendo que estes aprendiam praticamente sozinhos. Este método de ensino era praticado em toda comunidade de modo natural. A educação então nesse período seguia um modelo tribal em que a educação se caracterizava como difusa, onde todos os integrantes do clã interagiam.

Essa metodologia inclinada à experiência onde aproxima-se da idéia de liberdade e autonomia educacional do sujeito tida por Dewey, mesmo tendo poucos instrumentos para dinamicidade de ensino da época, além de priorizar o ensino coletivo sem dar tanta importância às capacidades individuais. Desse modo, o que se percebe desse tempo é que segundo Mariano (2012, p. 62):

Os povos mais primitivos já se preocupavam com educação, os mais velhos eram os responsáveis por transmitir para os mais novos os ensinamentos necessários para a sobrevivência em suas sociedades: os conhecimentos de caça e pesca; as artes da guerra; os rituais religiosos; lendas e histórias de seu povo. Tais formas de educação, no entanto, não se encaixam no que compreendemos hoje por educação institucionalizada, e muito menos no que entendemos por sistema educacional ou ensino, que envolve hierarquias, normas, leis de regência e controle aplicadas às escolas, aos colégios, às universidades de um determinado país, estado ou cidade.

Sobretudo no que diz respeito à educação da antiguidade, há outro contribuinte que são os valores morais predominantes sob a formação do sujeito, ditados pelos pensadores da época, como comenta Cenci (2007) em seu livro que trata da moral trazendo aspectos da educação passada³, e como hoje ela é vista neste mesmo espaço. Em um dos trechos ele diz, que a educação moral vigente na época, objetivava a formação do sujeito para uma vida comunitária, guiada por ações éticas e de valor perante os demais membros sociais. Desse modo, a educação se preocupava em formar o homem para que soubesse conviver em

³ Refiro a educação de períodos mais antigos em comparação a de hoje, em que a moral estava ativa nos modelos curriculares de educação. Porém, trato apenas de alguns modelos de educação em específico.

sociedade e respeitando os valores nela mantidos, pois de acordo com o estudo de Dewey da educação, esta é caracterizada como uma necessidade que sempre se fez e se fará presente na vida humana. Salientando ainda esse pensamento, uma boa educação oferece condições para que haja renovações na sociedade, ou seja, dando continuidade àquilo que seja favorável manter e, também, transmitindo novas experiências e práticas para a reorganização de valores coletivos.

Apesar de haver a instauração de sistemas na educação, tendo influência de seguimentos voltados para o âmbito social, o principal objetivo era a busca pelo aprendizado. Independente do momento da História da Educação, o conhecimento era a o principal quesito a ser buscado e desenvolvido nesse campo. Diante desse argumento, observa-se a linguagem como instrumento de troca de conhecimento entre as pessoas no período antigo⁴, em que o ensino era caracterizado pela verbalização e dogmatismo, assim como o uso de práticas voltadas para a arte e retórica. A Filosofia antiga provocou uma motivação no que se refere a pensamento, senso crítico e interação do indivíduo à sociedade, ou seja, o desenvolvimento do sujeito em si, para vida coletiva. Esse processo fez com que a democratização escolar oportunizasse mais pessoas a alfabetização, mas ainda assim, havia muita questão hierárquica nos meios educacionais o que resultava na regalia das elites.

Em contrapartida, a Idade Média mudou o rumo da Educação ao trazer concepções voltadas à religião como seguimentos postulados a serem passados aos indivíduos. A forte presença de autoridades da Igreja sobre o ensino fez com que tudo que estivesse relacionado à educação estaria em concordância com a verdade divina. Nesse contexto, em que o clero era a mais absoluta autoridade diante de seu poder político, econômico e social, a educação se propagou por meio da ética cristã. Mudou o motor condutor mas os problemas, se assim posso descrever, continuaram propagando no espaço educacional porque o raciocínio individual continuava praticamente inexistente. O conhecimento como verdade divina era algo pronto que apenas vinha a ser usado como memorização e pregação para o sujeito.

As escolas eram divididas conforme status social, e ao seguimento de vida do indivíduo, onde a metodologia dos currículos tinha como finalidade a disciplina e valorização do trabalho. Assim como na Idade Antiga, no período medieval Mariano (2012, p. 67) também apresenta suas concepções acerca desse contexto ao comentar que:

⁴ Período Antigo é usado para caracterizar a Idade Antiga, em que a educação era baseada na formação do homem moral. O mesmo ocorre com outras referências como “período primitivo”, por exemplo.

Interessava ao alto clero que os religiosos e, em maior grau, o povo, tivessem uma cultura empobrecida; por essa razão, eles eram proibidos de ler as obras clássicas. Assim, evitava-se qualquer pensamento que pudesse ameaçar tal supremacia divina. Era importante que as pessoas continuassem desinformadas, alheias a novas ideias e incapazes de estruturar pensamentos mais elaborados, que pudessem modificar a sociedade.

Apesar de o conhecimento estar presente, pode se perceber as variações de importância atribuída a ele nas diferentes fases. O mesmo ocorre em relação à teoria e prática, por exemplo, como a intenção desse período era de monitorar, pensamentos, estudos e conhecimentos dos aprendizes, sendo que logo a educação estaria mais voltada a conteúdos práticos. Isso se justifica pela intensa monopolização de poder exercida pela igreja as demais instituições. Desta forma, mais uma vez ocorre a falha do ensino no que diz respeito ao progresso social almejado por Dewey. Segundo Mariano (2012), “nesse período, passou-se a valorizar a educação prática profissional, ligada aos diferentes ofícios impulsionados pelo desenvolvimento comercial” (p. 67). Essa valorização foi realizada no intuito de afastar as pessoas da atividade intelectual fazendo com que a igreja permanecesse no controle das atividades sociais. Outro fato era que, assim, as pessoas não teriam impulsos ao prazer de habilidades que exigissem mais conhecimento teórico, logo, estariam dispensadas de buscar maior conhecimento sobre determinados assuntos o que tornava essa massa popular numa constante ingenuidade.

Cunha, assim como outros estudiosos perceberam a consideração feita por John Dewey em relação ao dualismo, sendo percebido em textos que trazem um pouco mais da questão histórica da sociedade em que houve a forte presença da divisão social, a hierarquia por parte da monarquia que reinava, bem como, a aproximação das classes apenas em relação ao trabalho assalariado, e direitos adquiridos perante a lei. Todos os fatores comentados acima e também da última citação fazem parte de um momento marcante na sociedade mundial⁵, e por isso, o filósofo moderno também usou como influência para promover sua concepção filosófica para uma nova educação.

Desta forma, no próximo item deste trabalho, detenho-me em concentrar o estudo sobre “a origem” da educação tradicional, bem como da sua cooperação indireta no surgimento da educação progressiva no final do período moderno e as preocupações e novidades trazidas pela noção de progresso.

⁵ Assunto que pode ser mais discutido e aprofundado em textos como de Karl Marx por exemplo, quando trata da divisão de classes dentre outros assuntos próximos. Porém, não cabe aqui neste trabalho aprofundar tal assunto, mas tomar como breve introdução como uma das formas de se compreender a intenção de Dewey diante de seu ideal democrático.

2.2 A ESCOLA TRADICIONAL E AS NOVAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO A PARTIR DA IDADE MODERNA

Não se sabe ao certo, quando a Escola Tradicional veio a surgir, mas acredita-se que em meados do século XVIII, junto com as consequências da Revolução Industrial e sobre forte influência da burguesia, este modelo passou a ser inevitável na medida em que a sociedade demandava seus direitos como educação para todos. Desse modo, as escolas passaram a adotar uma metodologia baseada na disciplina, ensinamentos sobre direitos e deveres do cidadão, e matérias em que sua aplicabilidade se tornasse útil para a mão de obra. Foi um momento da história em que as divergências de pensamentos começaram a ser mais evidentes, e então, as instituições de poder tinham de tomar certas atitudes em relação a isso. Gonzatto (2016, p. 130) comenta a respeito dessa época e se refere à escola tradicional da seguinte forma:

Tentando dar conta do problema, a escola tradicional cometeu um dos seus maiores erros, não se baseou nos interesses da criança, mas apenas desejou controlar os seus impulsos naturais através de uma rígida formação moral, para que os jovens estivessem aptos no futuro para viver em conjunto em uma sociedade. Em consequência disso, surge uma educação moral rígida e severa, que tem como principal característica manter a disciplina entre os alunos através do controle do seu comportamento.

Como a intenção era transmitir os conhecimentos das gerações passadas e também aproximar os educandos da realidade social, a escola teve de adaptar seu currículo. O método adotado aplicava-se a postura do professor como mestre do saber. Desse jeito o aluno teria um contato estreito com o professor, a relação baseava-se na aplicação e memorização de conteúdo. Os alunos eram tratados como agentes passivos ao conhecimento, melhor dizendo, a motivação pelo aprender de forma autônoma, buscando instigar a busca do conhecimento motivado pela experiência, era inexistente nesse meio. Em *Experiência e Educação*, Dewey (2011, p. 21) ao fazer crítica à educação tradicional, afirma que:

[...] o esquema tradicional é, em sua essência, uma imposição de cima para baixo e de fora para dentro. Impõem padrões, matérias de estudo e métodos desenvolvidos para adultos sobre aqueles que ainda caminham lentamente para a maturidade. A distância entre o que é imposto e os que sofrem tal imposição é tão grande que as matérias de estudo, os métodos de aprendizagem e o comportamento esperado são incoerentes com a capacidade correspondente à idade do jovem aluno.

Este sistema impedia que os alunos pudessem explorar suas capacidades cognitivas e práticas. Além disso, era uma imposição de conhecimentos anteriores e ainda aplicados da mesma maneira sem a possível intervenção de mudança no modo de ensinar. Os conteúdos permaneciam dessa forma, estáticos, sem que houvesse qualquer especulação de modificações a respeito do mesmo. John Dewey, reconhecia que apesar desse método impedir o avanço cognitivo dos alunos, ainda havia alguns elementos dos quais se fazia pertinente continuar valendo. Esse reconhecimento vinha da atenção que Dewey atribuiu a algumas habilidades que ao serem passadas de geração para geração, ainda tinham significados positivos na Educação. Isso porque a experiência também se fez presente naquele momento, e desta forma veio a contribuir na formação do conhecimento para ser repassado. Porém, como o forte da Educação tradicional estava na construção de conhecimento de forma coletiva, sem a apreciação dos dons individuais dos alunos, esse modelo ainda era visto como um problema para o Filósofo.

O processo de construção intelectual individualizada estava desassociado do sujeito, fazendo com que estes indivíduos abdicassem de suas potencialidades no próprio meio em que se deveria incentivar a busca de suas habilidades na escola. Se a prioridade da educação vem a ser o “transmitir conhecimento”, logo ela deve assegurar meios de aprendizagem que possam fornecer a construção desse processo, algo que é visto como distante da realidade da educação tradicional, segundo John Dewey. O mesmo mostra Saviani (1999, p. 18) no capítulo que fala sobre a pedagogia tradicional que:

Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. O mestre-escola será o artífice dessa grande obra. A escola se organiza, pois, como uma agência centrada no professor, o qual transmite, segundo uma gradação lógica, o acervo cultural aos alunos. A estes cabe assimilar os conhecimentos que lhes são transmitidos.

O olhar tido no professor nesse período era de autoridade para com os alunos, em visto disso, havia uma exigência para com as competências do professor que devia cumprir com suas obrigações dando a entender que a pedagogia então adotada durante as aulas tinha mais ou menos a mesma estratégia com os alunos. Melhor dizendo, tanto aluno quanto professor deviam seguir normas de comportamento e regras práticas para dar sequência ao regimento implantado pelo ensino tradicional. Apesar da escola tradicional ter sido pensada a partir da filosofia de Rousseau que voltava-se para a essência do ser humano, conforme explica Leão (1999), foi um sistema que em teoria almejava a democratização e universalização do ensino, mas em prática sabendo das atribuições do Estado para com o ensino, apenas parte disso foi

realizado. O resultado disso era a escassez de mudanças sociais. É justamente isso que John Dewey queria priorizar enquanto mudança social, “a educação em um ambiente social em que há reciprocidade de interesses e cooperação”. (CUNHA, 2007, p. 9). A sociedade em si, passava por um momento em que o objetivo seria educar para o trabalho, ensinar para formar pessoas aptas ao convívio social, respeitando regras e tendo conhecimento sobre seus direitos. Mas, como a questão da mão de obra era predominante no pensamento social, às pessoas pouco se preocupavam ou até mesmo nem se questionavam sobre as condutas educacionais aplicadas. Isso acabava refletindo principalmente nas matérias que faziam parte das grades curriculares das escolas, conforme explica Dewey (2011, p. 48):

A perspectiva tradicional acredita que adquirindo certas habilidades e aprendendo certas matérias que seriam mais tarde necessárias (talvez na universidade ou na vida adulta) os alunos estarão sendo naturalmente preparados para as necessidades e circunstâncias do futuro. [...] Porém, é um erro supor que a simples aquisição de certa quantidade de conhecimento de aritmética, geografia, história, etc., que é ensinada e estudada porque pode ser útil em algum momento no futuro, tem seu efeito.

Esta crítica elaborada por Dewey decorreu de seus apontamentos em relação ao presente e futuro. Para Dewey, não basta aprender certas matérias pensando na sua aplicabilidade futura, se no presente, ou seja, no momento em que está aprendendo sobre ela, não tiver uma experiência significativa. O filósofo salienta que a experiência real que o sujeito pode adquirir a partir daquele conhecimento, seja por meio de algo prático, por exemplo, ou qualquer outro meio que possa estimulá-lo a obter mais experiência a partir dessa já alcançada, valoriza o aprendizado. Por isso o processo de formação do indivíduo, havendo orientação do seu estímulo, a aprendizagem e motivação no desenvolvimento de suas capacidades vêm a ser um dos propósitos da filosofia deweyana. Souza e Machado (2009) relatam bem essa noção de Dewey em relação à experiência ao dizerem que “A atividade intelectual, para Dewey, não pode estar separada do fazer prático ou da vida cotidiana.” (P. 8pdf). Estes comentadores dizem que de acordo com a proposta deweyana, o conhecimento enquanto pensamento deve estar associado à experiência prática que por sua vez, a junção de ambos resulta na melhoria da aprendizagem do indivíduo além de entrosá-lo com atividades cotidianas e sociais. Outra proposta interessante de John Dewey está no livro de sua autoria que intitula-se “Arte como experiência” (1934), que colabora com esse assunto, pois nesse livro, Dewey fala a respeito da satisfação do sujeito em poder buscar através da experiência algo que o motive, que o faça sair da zona de conforto e explorar suas capacidades, resultado em conhecimento prazeroso. Tendo dito isso, tais apontamentos se aproximam das palavras

de Ávila (2018): “Sendo assim, Dewey não está a desmerecer o pensar no futuro do indivíduo, mas sim, a forma como o futuro vem sendo pensado, como prioridade única, diminuindo a importância do presente momento.” (ÁVILA, 2018, p. 22).

Ainda dando atenção ao pensamento de Ávila, John Dewey criou uma nova filosofia voltada para a educação buscando atingir os problemas vigentes da educação tradicional, mesmo considerando que este modelo pudesse resultar em nada, procurou pensar nele de forma a estimular as vertentes de transformação social (educandos), além de acasalar elementos compatíveis com a realidade presente. Dessa maneira, trouxe a experiência de base para que na escola as crianças já pudessem desde a infância ter um aprendizado em que se valesse de suas habilidades. A criança precisa ser desafiada a testar seus “limites” passando a ser um sujeito ativo ao invés de passivo. Assim o estudante passa a ter mais autonomia no processo do aprender, assim, tem mais prazer pelo conhecimento sem vê-lo, apenas como uma obrigação social. E o professor passa a ser um mediador de saberes como explica Ávila (2018) “O professor deve trazer o olhar que através de sua ação pedagógica transforma o conteúdo didático em algo belo, mostrando ao estudante a beleza que vai além do conteúdo em si [...]”. Conclui-se ao dizer que “Para o filósofo John Dewey, o saber não é dado como pronto e acabado, mas sim, como algo em constante movimento, que se transforma através de experiências individuais. Os professores devem guiar e orientar os impulsos dos alunos em direção ao conhecimento.” (ÁVILA, 2018, p. 24, 25). Sendo assim, o educando finalmente sairia daquele molde de passividade em relação a educação que lhe era remetida, e passa a ser sujeito ativo de sua própria progressão. Na relação entre educador e educando, deve haver reciprocidade no sentido do aluno receber o conhecimento e as informações passadas de seu professor e ao mesmo tempo, o professor conceder momentos para que seus alunos façam suas próprias explorações, sem ganhar o conhecimento digamos assim, de mão beijada. O aluno que procura exercitar suas capacidades, tem mais facilidade em desenvolver as habilidades necessárias para o aprendizado. Em relação a educação num todo, o educando terá melhores condições de se adaptar ao processo de movimento do saber. A aquisição de práticas experienciais no ambiente escolar, com colegas e professor, oportuniza o educando a melhores condições de aprendizagem individual. E, para além do desenvolvimento pessoal, expande-se a noção de reciprocidade o ambiente social, uma vez que essas técnicas servirão para a vida coletiva.

Levando em conta esses aspectos que no segundo capítulo passarei a falar sobre a educação progressiva em virtude dos aspectos atuais que norteiam a educação de um modo geral. Para tanto, irei ressaltar nesse momento do texto o objetivo trazido na filosofia da

educação elaborada por Dewey, sua “competência” na sociedade, e a influência do pragmatismo na educação progressiva.

3 DA TRADIÇÃO AO MÉTODO PROGRESSISTA: A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE JOHN DEWEY

Pensando na ausência de coerência entre a educação e a situação social em que se encontravam os Estados Unidos por volta do século XIX, que John Dewey publicou suas obras em defesa de uma sociedade democrática. Nesse período a situação econômica e social do país não andava muito bem, fatores que respingaram de forma negativa na educação tradicional.

John Dewey foi um filósofo que nasceu em Burlington (Estados Unidos) em 1859. Seus primeiros contatos com a educação ainda na infância tiveram pouca relevância, pois segundo o filósofo tratava-se de uma educação desmotivadora. A compensação vinha por intermédio de seus pais que davam a Dewey e seus irmãos, tarefas domésticas para que eles pudessem ir aprendendo associando conhecimento a questões práticas. Ao cursar o ensino superior pela Universidade de Vermont, obteve influência de questões voltadas para o homem e a sociedade, assim como homem e natureza e conhecimento. Das inspirações que influenciaram Dewey ao caminho das ciências humanas faziam parte Kant e Hegel, filósofos que Dewey estudou para tratar de assuntos ligados à psicologia e natureza.⁶

John Dewey também foi professor universitário o que lhe proporcionou expandir seus estudos e investigações, que em sua maioria são descritas em suas publicações literárias. Em suma, Pereira, Martins, Alves e Delgado (2009, p. 157), trazem em seu escrito *A contribuição de John Dewey para a educação*, a seguinte concepção:

Dewey foi além da teorização em educação, ele também se identificou, e muito contribuiu pelas causas sociais, como a luta pelo voto feminino e pela criação de sindicatos de professores. Como fervoroso defensor da democracia, ainda chegou a criar uma universidade-exílio para acolher os estudantes perseguidos em países com regime totalitário, por este fato ele chegou a ser confundido como comunista, mas essas acusações logo foram retiradas. Esta postura social adotada o tornou muito conhecido publicamente como analista de temas contemporâneos.

A universidade-exílio citada acima, foi criada por Dewey em 1894 com o objetivo de priorizar uma educação voltada para novos modelos metodológicos em que a filosofia e psicologia se fizessem presentes. Da mesma forma, a prática pedagógica seria enfatizada nesse modelo por aproximar teoria de práticas, visando uma democracia no processo de ensino. A democracia adotada por Dewey volta-se para a liberdade do sujeito em promover a

⁶ John Dewey além de estudar sobre psicologia e natureza, andou pela epistemologia, lógica, dentre outros campos, mas que não se tornam pertinentes já que não irei aprofundar nessa questão.

busca por conhecimento de modo a explorar seus limites ao mesmo tempo em que por meio da experiência, haja uma ampliação de reflexões em torno do conhecimento já obtido. Trata-se enfim de instigar a procura de mais conhecimento unindo teoria e prática, em que o sujeito além de se desprender das amarras tradicionais e aprimorar suas práticas individuais, pode também trabalhar para que isso seja transmitido socialmente.

Todo esse processo no qual Dewey pensou como contribuição para sua filosofia da educação, deveria ser adotada nas escolas que até então seguiam o modelo de educação tradicional. Dessa forma, sua intenção segundo Ali (2014, p. 16) comentada em seu texto, seria de que diante dessa nova perspectiva, Dewey criou um modelo de aprendizagem baseando-se nas noções de liberdade de pensamento e expressão, assim como, a experiência enquanto guia da vida. O ensino-aprendizagem então estaria associado cooperando de forma mútua entre si.

Para John Dewey um dos problemas enraizados na educação tradicional estaria relacionado à importância que as escolas emitiam as matérias escolares. Nesse sentido, o foco estava em qual disciplina melhor contribuía em cada fase escolar do educando, e de acordo com o que está poderia agregar futuramente na vida social do mesmo. Além disso, como este modelo educacional deixava a desejar quanto a um investimento nas condições cognitivas e do próprio agir do aluno, o processo de ensino/ aprendizagem resultava em acúmulo de informações, memorização de conteúdos e disciplina quanto a hábitos que tivessem valores futuros.

Os valores sociais modelavam a estrutura curricular das escolas tradicionais fazendo com que o conhecimento fosse obtido de fora para dentro, ou seja, se aprendia de acordo com hábitos e modelos exteriores que eram passados dos mais antigos para os mais novos, levando em consideração que este processo era o mais adequado para garantir a continuidade de uma educação formal na sociedade. É o que explica Gonzatto (2016, p. 137) em seu texto ao mostrar o pensamento deweyano em relação a estas tradições:

Uma das principais críticas elaboradas por Dewey a escola tradicional é que ela acreditava que educar fosse apenas revisitar tudo aquilo que se encontra no passado, através da transmissão de conhecimentos que se encontravam nos livros ou no próprio professor. A educação, nesse modelo, faz do passado um fim em si mesmo, o qual, quando revisitado com uma finalidade pré-determinada, desconsidera os demais processos de aprendizagem os quais podem decorrer durante o seu percurso. Essa é a principal característica da educação tradicional, uma pedagogia direcionada apenas em cumprir o seu papel intelectual na educação, ou seja, formar alunos com corpos prontos e cheios de conteúdo, para que se tornem capazes no futuro de enfrentar a vida.”

Este sistema adotado pela tradição quanto à carreira como docente instigaram John Dewey a permanecer refletindo, estudando, e questionando sobre os percursos da educação. Por isso, sua filosofia da educação contribuiu para além do campo educacional, dando margem para problemas sociais que direta ou indiretamente, associavam-se a educação num todo. Isso porque de acordo com o pensamento deste filósofo americano, a escola não pode afastar-se da realidade das pessoas, pelo contrário, a vida cotidiana deve estar associada aos meios de aprendizagem dos educandos.

Contudo, as críticas feitas por John Dewey de certa forma foram críticas construtivas em relação à educação tradicional, ao levar em consideração que a partir dela este pensador pôde pensar em uma nova filosofia voltada para a educação, que pudesse cooperar nas mudanças que se faziam necessárias naquele período. Dessa maneira, Dewey formulou a educação progressiva que de acordo com as palavras de Gonzatto (2016, p. 139):

O filósofo criticou o modelo tradicional de ensino, pois ele acreditava que o mesmo era incapaz de atender as principais transformações históricas, sociais e econômicas que aconteciam entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX nos Estados Unidos da América. Desse modo, o modelo educacional proposto por Dewey visava mostrar uma relação entre a nossa experiência e a educação, e como a experiência pode ser útil no processo de construção do aprendizado humano.

A reflexão em torno do que foi dito em relação à proposta de filosofia educacional deweyana dirige-se a um ensino em que arrisco dizer, voltado para a associação entre racionalismo e empirismo, por trabalhar com os dois conceitos filosóficos de modo sucinto em sua metodologia educacional. Haveria nesse caso um processo de lapidação do próprio aluno para que a escola passasse a ser vista como um local motivador e bom de conviver, pois ali teria as condições essenciais para que desenvolvesse suas capacidades sendo estas estimuladas pelo conhecimento e habilidades do professor.

Por isso tudo que a reorganização da metodologia escolar também se fez presente na educação progressiva, pois se toma consciência de que seja necessária essa reorganização na medida em que há distintos modos de governar, assim como, mudanças sociais que levam a crer na alteração do currículo escolar e suas metodologias.

Dado o exposto, que no próximo item trato da conexão existente entre a educação progressiva e sociedade e a função do pragmatismo como instrumento norteador desse processo. Trago também como destaque, a obra principal deste trabalho para esclarecer a partir disso, a noção que o filósofo Dewey remete à sociedade enquanto verdadeiramente democrática.

Democracia e Educação (1916), uma das obras mais importantes de John Dewey, pois nela o pensador aborda a sua concepção educacional e filosófica a fim de ressaltar que ambas são bases fundamentais na sociedade. Sendo assim, elabora novos métodos que de acordo com seu pensamento e com a realidade em que estava inserido, viabilizam o alcance a uma sociedade democrática que pudesse crescer de acordo com o desenvolvimento experimental científico, a crescente industrialização, enfim, aos avanços decorrentes de sua época.

Para tanto, penso ser relevante falar de uma importante característica na filosofia de Dewey para que se possa entender mais tarde a ênfase sobre a educação e a democracia. Tendo dito isso, aponto para o pragmatismo, que ao ser exposto aqui de modo bem simples, trata da utilidade social de uma ação, por exemplo, a ação do indivíduo ao usar a frase: toda causa tem seu efeito, para o pragmatismo, o efeito seria mais importante do que a causa ao considerar que o efeito tenha utilidade. Ou também, pode se dizer que o pragmatismo se baseou na teoria empirista de John Locke (1632-1704), como comenta Ali (2014), ao ressaltar que a partir dos estudos sobre o empirismo de Locke, que se originou a corrente pragmática, moldando-a conforme o pensamento de seus idealizadores. Sendo assim, Dewey a pensou “[...] através de um sistema de ações humanas que contribuem para o crescimento, e desenvolve uma noção natural, isto é, orgânica do termo.” (ALI, 2014, p. 19). Em outras palavras, pode-se dizer que na perspectiva deweyana, o pragmatismo teria seu valor utilitário aplicado à experiência, ou seja, a experiência passa por todas as etapas necessárias⁷ para obter esse valor utilitário, para que possa servir a sociedade. Dewey foi influenciado pela visão pragmatista de outros pensadores, mas soube fazer uso moderado em sua filosofia, alterando alguns pensamentos que diferiram seu conceito de pragmatismo em relação a outros.

3.1 O PRAGMATISMO DEWEYANO EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO PROGRESSIVA

Como comentado anteriormente da função e validade do pragmatismo de modo geral, verifica-se agora sua validação no pensamento deweyano. De acordo com Rodrigues 2008, para Dewey conhecimento e ação devem ser dois elementos unidos essencialmente, pois para este filósofo a ação é o principal agente entre o que está na nossa mente enquanto pensamento, e as consequências práticas que podem resultar da experiência. O que mais uma vez explica o sentido da frase “causa e efeito”, já que a ação seria o fio condutor, mas é o

⁷ Etapas/ processos que já foram comentadas anteriormente no texto.

efeito prático desta ação (a experiência resultante dela) que se valida enquanto utilitário. “Ou, nas palavras de Dewey: ‘uma teoria corresponde aos fatos quando ela leva aos fatos que são suas consequências, pelo intermédio da experiência. ’” (RODRIGUES, 2008, p. 201).

Levando em consideração esses aspectos, a partir dessa retomada da significação do pragmatismo deweyano, que se pode perceber a sua colaboração e importância para a filosofia da educação progressiva, por trazer a noção de credibilidade de uma ação para a sociedade quando esta ação for essencialmente útil à experiência humana. E assim, resultaria também na sua utilidade social. Ao juntar essa noção do pragmatismo com a noção da experiência no processo de formação do indivíduo, que tem de ser em espaço que viabilize tais movimentos de progressão, é através da educação que todo o processo anteriormente dito vai surtir efeito, se levar em consideração que a educação faz parte do meio sócio cultural dos indivíduos e que permanece em processo de transição na medida em que há avanços sociais. Assim, a escola pode promover essas ações por ter o devido espaço e ferramentas para trabalhar em cima desses processos e conceitos a fim de promover essa concepção de educação progressiva, conforme conclui Cunha (2001) “[...] no livro *Democracia e Educação*, em que Dewey atribui aos educadores a responsabilidade de utilizar a ciência para modificar atitudes e hábitos de pensamento pouco adequados ao projeto de construção da sociedade democrática.” (CUNHA, 2001, p. 89). O mesmo ocorre no livro *Pequena introdução à filosofia da educação*, escrito por Anísio Teixeira (1978, p. 20), que em um dos trechos conversa com essa questão ao dizer que a teoria da educação nova estaria inclinada para orientar a escola na direção de reconstrução metodológica de alguns velhos conceitos que até então predominavam no modelo tradicional.

Anísio Teixeira foi aluno de Dewey o que levou esse autor a introduzir para si muito do que aprendeu com seu professor sobre educação. Com isso, Teixeira também defende a noção de que o sujeito educa-se por si mesmo, adquirindo os meios necessários para aprender enquanto sujeito livre e responsável por seus atos. O que este autor quer dizer é que o indivíduo irá aprender os valores que regem uma sociedade apenas quando ele aprender a virar-se sozinho, por meio de hábitos e experiências que o darão as condições para se tornar um sujeito que busca seu progresso pessoal e também o progresso social. O que se entende disso é que é da própria natureza humana buscar por si mesmo, aprender através da experiência e assim, promover os conhecimentos necessários para sua evolução de modo a contribuir também em sociedade.

Da mesma forma entende-se que Dewey busca junção entre ciência e filosofia para poder dar conta do problema visto por ele no que diz respeito a educação tradicional. Ao

perceber os erros cometidos por esse modelo educacional e traçar diferentes concepções sobre isso para que se possa obter alterações significativas, o filósofo trabalha orientando-se pelo pensamento de que tudo está em constante mudança e sendo assim, as ações humanas, a ciência, a filosofia, e conseqüentemente, a educação, alteram alguns de seus elementos conforme é exigido. Por isso, a educação progressiva seria definida da seguinte forma de acordo com Teixeira (1978, p.25):

E progressiva, por quê? Porque se destina a ser a escola de uma civilização em mudança permanente e porque, ela mesma, como essa civilização, está trabalhada pelos instrumentos de uma ciência que ininterruptamente se refaz. Com efeito, o que chamamos de “escola nova” não é mais do que a escola transformada, como se transformam todas as instituições humanas, à medida que lhes podemos aplicar conhecimentos mais precisos dos fins e meios a que se destinam.

Fica claro o destaque que Dewey remete a noção transformação social por meio da educação progressiva ao deixar isso explícito várias vezes no decorrer de seus textos. Por isso tudo que para dar continuidade a esta pesquisa, que dedico o próximo item ao estudo do efeito prático das características da educação progressiva, ou seja, como é trabalhado essas noções no espaço escolar, que vem a ser o caso da Escola Nova que surgiu no Brasil entre os séculos XIX e XX com objetivos traçados na intenção de renovar a educação vigente.

3.2 O EFEITO PRÁTICO DA ESCOLA NOVA

Da mesma forma que me dediquei em falar sobre as questões teóricas que envolvem a filosofia da educação de Dewey, irei explicar a aplicabilidade dessa filosofia na prática. Com efeito, trago como contribuinte a Escola Nova que chegou importada da América e inserida ao cenário brasileiro por volta de 1920 a 1930, que tinha por incumbência de propagar as ideias da filosofia educacional deweyana no cenário escolar da época. Por pensar que a educação é necessária para o progresso da humanidade (segundo o filósofo) e também, por acreditar que nesse momento era preciso readequar a educação brasileira em parâmetros compatíveis com a evolução social, que se uniu o “útil ao agradável”, e assim muito intelectual brasileiro tornou-se adepto a essa nova educação. Diante dessa nova proposta curricular, via-se a intenção de melhorar a formação dos indivíduos no sentido de promover maior autonomia e liberdade para o sujeito.

No livro escrito por Teixeira (1978) pôde se constatar que sua visão sobre o papel da escola nova, aproxima-se da intenção exposta no parágrafo anterior, ao dizer que “[...] os homens formados nessa escola provaram, em sua plenitude, o prazer de conquistar, passo a passo, o caminho de sua emancipação” (TEIXEIRA, 1978, p. 23).

Levando em consideração os estudos feitos para esse trabalho, tomo como ponto de vista que Teixeira seguiu na mesma direção de posicionamento que Dewey e dessa forma, vejo muita proximidade ao falar sobre o pensamento de ambos. Por isso, observei que Dewey e Teixeira atribuem a escola a incumbência de dispor aos educandos o estímulo para seu desenvolvimento e progressão, visando é claro, a formação de indivíduos propensos ao espírito democrático, como comenta também Schmidt (2009, p. 138) em seu texto *John Dewey e a educação para uma sociedade democrática*:

A educação deweyana, ao contrário, está voltada para a vida industrial e democrática, em que a escola deve ser uma oficina em miniatura ou uma comunidade reduzida, na qual a educação não se exerce como mero preparo para a maturidade, mas sim como apoio ao desenvolvimento do espírito e da incessante reconstrução da experiência.

Logo, em acordo com a filosofia deweyana a relação entre professor e aluno deveria ser de compatibilidade em que, o professor passa a orientar o aluno, tomando como condicionador os conteúdos disciplinares e também lhe oportunizando melhores meios de aprendizagem por meio da experiência. O educando então, teria mais acessibilidade a troca de experiências com colegas e também com o professor, mediante o conteúdo que está sendo aprendido, bem como, com as técnicas de aprendizagem adotadas por esse modelo educacional. Do mesmo modo, o filósofo defende a interdisciplinaridade nas ações escolares como (oficinas, tarefas práticas, pesquisas, etc.). Ao agregar mais de uma disciplina ou então, trabalhar com duas áreas distintas num mesmo projeto por exemplo, faz com que os alunos sejam desafiados a uma nova experiência, em que deverão alcançar o objetivo proposto mas, ao mesmo tempo em que alcançarão tal objetivo terão criado novas experiências e aprendido de forma comunitária. Essa metodologia visou o crescimento individual na medida em que instiga o educando testar seus limites o levando a sua elevação cognitiva, além de propiciar uma aprendizagem coletiva que pode servir de instrumento para a vida em sociedade.

Disso, parte-se para a investigação em torno da metodologia fornecida por Dewey para possibilitar as mudanças que eram fundamentais daquele período, e que ainda hoje talvez contribuam para a mesma problemática, como comenta Sbrana (2018, p. 80):

Dewey voltou-se para uma reflexão mais ampla acerca dos problemas sociais decorrentes da crise mundial e dos vários conflitos postos em cena, conflitos econômicos, religiosos e políticos que se sucederam e se dividiram entre diferentes orientações teóricas que rivalizavam entre si para fazer a valer a saída que julgavam mais adequadas para o mundo. Nesse contexto o filósofo privilegiava, a inteligência ao invés da força, buscando persuadir sua audiência quanto a necessidade de ações voltadas à construção de uma sociedade democrática, nos termos por ele propostos.

Na era Antiga e Medieval o homem vinha a ser apenas um instrumento do conhecimento, ou seja, o conhecimento era algo superior ao homem (vindo da razão e/ou de Deus), e apenas repassado a um ser carnal para poder fazer sentido na terra. Em contrapartida o período Moderno, especificamente no momento em que Dewey viveu, já tinha ocorrido transformações desse pensamento, pondo o homem como núcleo do conhecimento e provedor das verdades buscadas. A experiência no período moderno passou a fazer parte do cotidiano do indivíduo de forma involuntária, porque passou a fazer com que o ser humano usasse no seu dia a dia a teoria e a prática para favorecê-lo. Em decorrência disso, a individualidade do sujeito passa a ser protagonista para melhorar a visão social diante do homem, melhor dizendo, o aspecto citado em alguns textos “imposição de cima para baixo”, passa a perder força, do mesmo modo que se abre espaço para o livre pensar e agir, tornando-se sujeito emancipado. Assim, o aluno no ambiente escolar aprendendo por meio da experiência, passa a fugir daquele método de exercícios e memorização. O método baseado na experiência aproxima o sujeito ainda que no meio escolar, das constantes modificações que ocorrem no mundo, pois vivemos numa constante, e as pessoas devem adaptar-se a estas mudanças. Por isso, o indivíduo passa a exercer o controle sobre aquelas “verdades imutáveis” existentes em alguns períodos passados, e passa a fazer uso de sua emancipação para praticar isso nas situações de seu cotidiano.

O problema então passa a ser como atribuir à sociedade uma educação progressiva por meio da experiência, sem desmerecer o conteúdo histórico que se recebe das gerações anteriores? Dewey vê como esclarecimento dessa questão a ideia de não apenas fazer críticas e posteriormente descartar os problemas relacionados a educação tradicional, mas de fazer críticas construtivas que possam remeter a novas propostas e métodos pedagógicos que desenvolvam um potencial mais elevado e positivo em relação aquele anterior. Assim, o estudo sobre o passado não deve mais ser visto no presente como um fim, mas como um meio que auxilia no processo educacional. Em concordância, Teixeira (1978, p. 30) descreve o seguinte trecho no livro *Pequena introdução à filosofia da educação*:

O homem está com responsabilidades novas em toda a sua vida. Ele ensaia do mundo moral e social, senão com a mesma audácia, por certo sob o mesmo influxo dos mesmos princípios que lhe permitem experimentar no mundo material. Só um esclarecido e nítido *por quê*, por ele visto e por ele sentido, lhe pode determinar a sua ação. A velha ordem preestabelecida, seja ela religiosa ou tradicional, não lhe merece já respeito.

Em vista dos argumentos apresentados, se conclui dessa parte que o indivíduo tende a se libertar desse dogmatismo a partir do momento em que passa a compreender que a educação é necessária para a evolução social, assim como os demais instrumentos que de acordo com Dewey, constituem esse motor. A história então passa a ter validade no sentido de colaborar nesse movimento de transição em que o ser humano deve contribuir por ser um dos elementos que movem o motor, e por ser um indivíduo que se emancipou devido a evolução social.

Na próxima parte do trabalho, portanto, falo a respeito da dualidade do sentido remetido à experiência, esta que vem a ser também, parte constituinte do todo dito anteriormente.

3.2.1 A dualidade da experiência e sua aplicabilidade na educação progressiva

Tomo como dualidade nessa parte do trabalho o conceito de experiência adotado por John Dewey para sua filosofia da educação, pois em sua obra *Experiência e Educação*, o filósofo trata em um dos capítulos sobre a questão da experiência que em algum momento pode representar sentido ambíguo interferindo no objetivo proposto pelo filósofo, ou seja, Dewey tenta mostrar que devido a certos hábitos praticados pelo indivíduo por meio da experiência, pode ocorrer de tornar a experiência negativa. Melhor dizendo, este indivíduo pode revelar certos hábitos rebeldes ou que não condizem com a proposta de progresso social, por se tratar de uma ação negativa. Como a educação tradicional em nenhum momento se dedicou a uma exploração da experiência como condição de conhecimento, o que se resultou foi ações práticas voltadas aos hábitos adquiridos sem uma reflexão se tais hábitos são negativos ou positivos para futuras experiências. Isso é mais um argumento de reflexão levantado por Dewey sobre a o ensino tradicional em que trata da falta de motivação devido aos meios de aprendizagem usados pela educação tomada neste trabalho como crítica pelo filósofo Dewey.

Outro ponto é sobre as experiências na educação progressiva, que devem ser antes de tudo, avaliadas em si mesmas, ou seja, as experiências para se tornarem base para futuras experiências, e que também possam gerar continuidade, conhecimento verdadeiro e com espírito democrático, devem ser trabalhadas de forma positiva. “Qualquer experiência que tenha o efeito de impedir ou distorcer o amadurecimento para futuras experiências é deseducativa.” (DEWEY, 2011, p. 27). O caminho percorrido durante a experiência deve agregar bons pensamentos, habilidades e comportamentos, que façam o sujeito desenvolver o prazer e dar qualidades á experiências futuras, conforme descreve Dewey. Enfim, o que o filósofo faz aqui é utilizar mais uma vez dos pontos considerados por ele negativos ao que diz respeito a educação tradicional e apresentar evidencias que gerem experiências de caráter como ele chama. “Tudo depende da *qualidade* da experiência que se tem. A qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: o aspecto imediato de ser agradável ou desagradável e o segundo aspecto que diz respeito a sua influência sobre experiências posteriores.” (DEWEY, 2011, p. 28). Dito de outra maneira, segundo Schmidt (2009, p. 137):

John Dewey foi um convicto defensor da sociedade democrática e sua teoria da educação é entendida como reconstrução e reorganização contínua da experiência, ligada à teoria da investigação, à teoria dos valores, e à teoria da democracia, visando a aumentar a consciência dos vínculos entre as atividades presentes, passadas e futuras, nossas e alheias, e a aumentar a capacidade dos indivíduos para dirigir o curso da existência.

Em virtude dos fatos mencionados parto para o próximo item deste trabalho em que falo a respeito do surgimento do método educacional deweyano no Brasil. Por volta de 1920 e 1930 as teorias educacionais brasileiras sofreram grandes alterações devido ao resultado de revoluções como por exemplo, industriais, tecnológicas e científicas. Nesse período os estudiosos acharam o método deweyano oportuno para ser implantado como novo modelo educacional no nosso país, já que foi o homem que sofreu estas conseqüências.

3.3 MÉTODOS EDUCACIONAIS DEWEYANOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Anísio Teixeira 1900-1971, foi um pensador e educador que muito colaborou com a educação brasileira, principalmente em meados de 1920 a 1930, em que se fez presente na

luta pela educação gratuita, e de acesso à todos como obrigação do Estado. Teixeira conheceu o filósofo John Dewey em 1928 na Universidade de Colúmbia, período em que Dewey era docente⁸, e conseqüentemente professor de Anísio Teixeira.

Nesse período, o Brasil já estava começando a sentir e sofrer também com as mudanças ocorrentes nos Estados Unidos bem como, em outros países desenvolvidos. Houve então a mesma necessidade de alterações no âmbito educacional que conforme explica Cunha (2011, p 87), foram aproximadamente vinte anos de drásticas mudanças em vários setores como por exemplo o industrial, o que possibilitou que o Brasil avançasse socialmente através da educação. A educação vinha a ser o modo mais acessível de aproximação e socialização com os estudos e avanços científicos desta nova geração resultante das mudanças ocorridas. Em resposta à essa renovação no Brasil e, aos olhos de alguns educadores e intelectuais brasileiros, a filosofia educacional deweyana estaria mais destinada a vida industrial e democrática, atribuindo toda sua relevância ao sujeito, por isso foi usada como base para a reconstituição dos métodos educacionais vigentes até então.

Dessa forma, conforme comenta Schmidt (2009, p. 139), a filosofia deweyana descrita no livro *Democracia e Educação*, em que o filósofo designa à educação como sendo propriedade do ser humano que varia conforme o meio social, melhor dizendo, o desenvolvimento das pessoas depende do papel social que a educação desempenha e sobretudo na conservação de uma ordem social comandada dos mais velhos para os mais novos.

Esta pequena introdução se faz importante na medida em que se compara o trabalho realizado por Teixeira, e também por outros estudiosos brasileiros com a concepção de progresso educacional de John Dewey. Anísio Teixeira iniciou sua dedicação ao campo educacional na Bahia, nesse tempo já percebia a necessidade funcional da escola em relação ao meio social. Assim como Teixeira, outros educadores da época contribuíram para o desenvolvimento da pedagogia deweyana aqui no Brasil, que fora tomando espaço em livros que tratavam da educação assim como artigos, e outros escritos. Acredito que todos estes viam semelhança entre esse novo método educacional elaborado pelo filósofo americano, sobre as mudanças no campo das ciências experimentais e as expectativas criadas em torno de um novo projeto educacional direcionado para esse novo contexto social que o Brasil se encaminhava. Logo, se percebeu muitos aspectos da filosofia deweyana na *Escola Nova*, esta que foi instaurada para promover inovação do modelo educacional tradicional.

⁸ Cabe lembrar que a breve introdução sobre Anísio Teixeira se faz importante justamente por esse educador ser o principal comentador brasileiro de Dewey, e que em sua trajetória educacional iniciada no Estado da Bahia, teve muita influência de teorias pedagógicas de origem exterior, como a de Dewey principalmente.

Posteriormente, Teixeira fez mais uma vez uso do pensamento teórico e da pedagogia prática de Dewey, junto com outros colaboradores para dar origem ao escrito *Manifesto dos pioneiros da Escola Nova (1932)*⁹ (ANDRADE, CUNHA, 2016, p. 65):

Estes intelectuais estavam preocupados com as transformações econômicas, políticas e sociais pelas quais o país passava e acreditavam que a educação não conseguiria acompanhar tais mudanças. O *Manifesto* acabou se tornando o ponto auge do movimento renovador e era composto de um conjunto de concepções acerca da educação, esboçando algumas medidas a serem tomadas em relação à função educativa que se constituía um dos pontos mais relevantes do documento.

Ao se dedicarem as questões acima apontadas, deixou-se de lado a abordagem da história brasileira, que sobre uma visão realista era muito diferente da realidade americana, resultando em algumas consequências negativas para a sociedade brasileira. Apesar dos autores da Escola Nova defender o ensino universal, gratuito e obrigatório, eles não levaram em consideração que o andamento da sociedade brasileira era designado pelo capitalismo, ou seja, ao trazer a noção deweyana para ser aplicada na educação brasileira, tiveram que adaptá-la para que houvesse harmonização entre o homem e a máquina, conforme descreve Ribeiro (1993, p. 22):

A ação de educadores como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, trouxe para a realidade educacional brasileira, ideias e técnicas pedagógicas dos Estados Unidos da América, representadas pela filosofia educacional de John Dewey. Um aspecto negativo do pensamento dos pioneiros é que a realidade brasileira era totalmente adversa da realidade americana ou europeia. "Ao proporem um novo tipo de homem para a sociedade capitalista e defenderem princípios ditos democráticos e, portanto, o direito de todos se desenvolverem segundo o modelo proposto de ser humano, esquecem o fato fundamental desta sociedade, que é o de estar ainda dividida em termos de condição humana entre os que detêm os meios de produção, isto é, entre dominantes e dominados.

Entre 1920 e 1930 houve muita divergência de pensamento no campo da educação por haver divisão de classes ou instituições, em que cada uma pretendia reformular o plano educacional a sua maneira por isso, a referência no termo, “dominantes e dominados”. Mais tarde com a implantação do Estado novo, a educação toma um rumo voltado para a formação de indivíduos propensos a mão de obra, o que exigia uma educação prática e eficiente que atendesse a demanda da industrialização. Apesar de em partes a educação se mostrar “evoluída” por dirigir-se aos propósitos sociais, na verdade ela estaria ainda sendo comandada por um grupo específico que tinha interesses particulares. Desse modo, pode-se concluir que

⁹ Apenas como conhecimento, os outros colaboradores, pelo menos os mais citados foram Fernando de Azevedo e Lourenço Filho.

foi um período em que diferentes grupos sociais pretendiam exercer certo controle no currículo do ensino brasileiro, por isso houve a falta de cuidado para o que realmente era proposto a partir da implantação da República, como afirma Ribeiro (1993), em que a escola pública viria a ser um “símbolo” de luta pela democracia. Levando em conta o que foi observado que se faz importante essa comparação com aspectos do contexto social de Dewey com o brasileiro, bem como, a aplicação e resultados de sua filosofia educacional nos Estados Unidos e aqui no nosso país.

Cunha (2001) também vem a ser um importante comentador de Dewey e de representantes brasileiros, por isso num trecho de seu artigo que fala sobre o pensamento da educação brasileira, também afirma que Teixeira “tinha em mente o conceito deweyano de democracia, que implicava, segundo ele, movimento constante.” (CUNHA, 2001, p. 90). Em outro escrito de Cunha (2016), ele comenta que a colaboração dos conceitos pedagógicos de Dewey na Escola Nova foram instaurados para tentar auxiliar no processo de superação dos problemas metodológicos antigos, que impediam o avanço do país. O lado ruim é que das propostas então realizadas, houve tendências dualistas segundo Cunha (2001), ao fazer observação em seu texto que enquanto uma puxava para um modelo educacional voltado para o tecnicismo, em que o sujeito torna-se subordinado às pretensões sociais, do outro lado, o modelo deweyano acentuado em liberdade e progresso social, voltado para atribuições de caráter valorativo. Mesmo com algumas objeções, muitos educadores e intelectuais espalharam as teses de Dewey por alguns estados brasileiros, fazendo com que alguns conceitos tratados por este filósofo como, por exemplo, educação e arte, fossem estudados e ajustados por estes intelectuais para adaptar as necessidades previstas no âmbito educacional dando melhores condições de ensino nos currículos escolares vigentes daquele momento.

Por isso tudo que a intenção que trago agora no item a seguir, é de mostrar como essa filosofia da educação de Dewey se mostra atualmente, diante dos comentários e observações feitas por alguns estudiosos desse filósofo, e/ou de sua concepção educacional diante da realidade presenciada no Brasil.

3.3.1 Objeções e concordâncias sobre a filosofia da educação deweyana no cenário atual de educação no Brasil

Pretendo ilustrar de forma sintética as ideias e estudos decorrentes da filosofia da educação de Dewey dos últimos anos, ou seja, final do século XX até então, Conforme aponta Andrade e Cunha (2016, p. 314):

Desde a década de 1980, quando as concepções deweyanas voltaram a ser estudadas no Brasil, as ideias educacionais de Dewey tem recebido várias interpretações, sendo boa parte delas dedicada a incentivar o exame direto de suas produções com o intuito de evitar o que Cunha (2007) denomina [...] apropriações parciais que não levam em conta o vínculo indissociável entre a filosofia, as teses educacionais e a visão política do autor.

Sendo assim, trago os apontamentos feitos por John Dewey sobre as competências que ficam a cargo da filosofia e da educação para que se tenha uma possível continuidade de seus métodos educativos na atualidade. Para tanto, a reflexão pertinente neste ponto dirige-se para a parte que Dewey retrata sobre A natureza da filosofia, especificamente na parte final desse artigo quando argumenta que os três elementos (filosofia, educação, sociedade), devem apresentar-se em constante união. Continua ao defender que sempre que houver mudanças sociais, a educação deve acompanhá-la havendo progressão coletiva. (DEWEY, 2007, p. 86). Nessa mesma perspectiva, o pensamento do filósofo americano leva a noção de que deve-se abandonar os métodos educacionais da escola tradicional, por considerar que este modelo deixou a desejar em alguns aspectos como já dito anteriormente. E, diante disso, quais foram as contribuições que se pôde extrair desse modelo tradicional na construção do modelo progressivo para a educação. Dito isso, Teixeira (1978) aponta para três diretrizes que são essenciais para dar continuidade a esse modelo de progressão almejado por Dewey, nos quais farei breve esclarecimento, que são: primeiramente a mudança na relação entre o homem e as exigências institucionais, ou seja, o indivíduo passa a ter mais controle e menos submissão; 35 segunda aponta para a relação entre o indivíduo e a industrialização onde descreve o seu ponto de vista, que o crescente desenvolvimento abrange todo o mundo e com isso, se tem a aproximação mesmo que indiretamente entre as pessoas; e enfim a terceira diretriz, se não a mais importante, a democracia. Que visa primeiramente o modo de vida da sociedade, onde o sujeito representa a máxima alcançada por ele mesmo.

John Dewey também atribui às diversidades existentes nas classes sociais, que são parte da história da educação, como consequências negativas ao serem relacionadas a própria educação. Isso significa que para Dewey, a divisão das classes sociais afeta diretamente o avanço contínuo e bem sucedido da educação. Explica ainda que esse dualismo tanto na educação quanto no social, são derivados das práticas exercidas na sociedade pelo próprio homem. Por isso, Teixeira descreve em um trecho de seu livro a seguinte afirmação, “Mas, a democracia é, acima de tudo um modo de vida, uma expressão ética da vida, e tudo leva a crer

que o homem nunca se encontrará satisfeito com alguma forma de vida social que negue essencialmente a democracia. (TEIXIRA, 1978, p. 35).

Sabe-se que dos estudiosos das crenças do educador americano, há aqueles que tomam caminhos específicos dando ênfase para algum conceito ou área específica de atuação deweyana, seja no campo da psicologia, pedagogia ou outro. Porém, de todos os autores brasileiros que propagaram a filosofia de Dewey no cenário educacional brasileiro, a maioria aborda a educação progressiva de forma positiva.

Porém, há alguns autores que criticaram direta ou indiretamente a concepção deweyana de educação. É o caso do educador Aluisio P. Bevilacqua, que em um de seus escritos sobre a relação entre o pensamento deweyano com a Escola Nova, apresenta uma crítica relevante referente ao “descaso” atribuído ao valor histórico do Brasil, ao querer mostrar que a concepção filosófica de Dewey é suficiente e aplicável ao seu modo de vida social, em consonância com aspectos políticos sociais, etc. Mas, que aqui no Brasil, a situação era diferente apesar de também ter sido atingida por fatores externos¹⁰. Bevilacqua (2014) em John Dewey e a Escola Nova no Brasil aponta que ao trazerem essa metodologia americana para aplicar na educação brasileira, esqueceram de levar ao menos em consideração o valor cultural da educação jesuíta, e de todo o contexto que se tem por trás da vinda desses imigrantes para o Brasil, bem como sua proliferação educacional aqui no país que marcou fortemente os traços da educação, e conseqüentemente os valores morais e sociais do indivíduo aqui dessa terra. Assim, o que atribuo como colaboração nesta parte do trabalho são as percepções críticas se assim posso dizer, em torno da educação progressiva, ao levar em consideração os fatores históricos que devem ser lembrados no processo de reformulação da educação, quando necessário. E, poder considerar que por mais que a visão e metodologia de John Dewey tenham um valor e competência significativa, nem sempre e por todos, será vista ou entendida como a mais adequada justamente como se mostra na descrição feita tanto ao falar sobre as considerações acerca do Manifesto dos Pioneiros como, em alguns trechos deste sub capítulo.

Porém, ao olhar para a educação contemporânea que se volta para o desenvolvimento acelerado da sociedade e tudo que a caracteriza, o que se percebe é uma pressão em torno dos conceitos didáticos metodológicos. Estes conceitos sofrem constantes alterações levando as escolas a reformular seu plano pedagógico curricular de forma que tenha as competências necessárias para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, bem como

¹⁰ Refiro-me a fatores externos quando quero dizer, guerras, revoluções industriais, científicas.

conscientizar e mobilizar os estudantes da importância de um futuro que se preocupe com o desenvolvimento social.

Nesse contexto, o método deweyano se mantém presente por trazer o conceito do “aprender fazendo” que indica aprender a partir do interesse do aluno, ou seja, o aluno é o principal foco dessa metodologia pedagógica. Este processo é trabalhado com apoio das matérias e do conhecimento do professor e alicerçado na experiência do aluno, assim buscando de forma cooperativa entre professor aluno, o conhecimento científico. Todo esse trabalho consiste na perspectiva de conectar o rápido desenvolvimento seja ele tecnológico, científico, social, com atividades educacionais que se aproximem ao máximo da realidade vivida pelos agentes provedores do ambiente escolar. O aluno então, passa a atuar no papel de protagonista do seu próprio conhecimento, como por exemplo, exercendo a função de cientista que a partir de um problema de seu interesse, irá busca a solução para tal.

Esta prática pedagógica que atualmente dirige alguns currículos educacionais brasileiro, carregam muitas dúvidas e incertezas quanto a sua eficácia pois, muitos educadores se preocupam se esta vai dar conta do problema existente nas escolas que é fazer com que os alunos sintam prazer em estudar e não vejam o ambiente escolar como um sacrifício necessário para a vida adulta.

Por fim, a filosofia da educação de John Dewey é uma ação humana conduzida pelo pensar, e pelo agir. O homem deve buscar através de suas ações pensar, refletir, agir de modo que as consequências disso sejam favoráveis para si e para o seu coletivo. A educação contemporânea então pretende formar indivíduos agentes da transformação social, e a filosofia da educação deweyana colabora nisso ao apontar que a educação trabalhando junto com a sociedade, resultam em uma sociedade democrática que segundo o filósofo, deve ultrapassar barreiras políticas, e ser vista como um modo de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, assim como a filosofia, são eventos essenciais da história e da humanidade, por trazerem em seus conceitos o que se toma enquanto necessário para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, tanto a educação quanto a filosofia estão engajadas em questões de cunho social na tentativa de colaborar com o meio em que estão inseridas.

Como considerações finais da presente pesquisa, em que não há a intenção de trazer respostas definitivas para a investigação, mas tem por objetivos elucidar de forma breve o que foi retratado neste trabalho, se presume que a educação em concordância com as concepções pedagógicas de Dewey, está diretamente entrelaçada enquanto uma função social. E desta maneira, torna-se um meio necessário para o desenvolvimento da democracia no âmbito social.

Por isso, o problema filosófico levantado de forma tangencial neste trabalho, está na iniciativa de John Dewey em agregar ciência e filosofia para construir sua concepção de educação democrática, ao partir da noção, segundo alguns pensadores antecessores à Dewey, que ciência e filosofia são interdependentes uma a outra. Sendo assim, retoma-se a questão inicial que originou o tema desta pesquisa, conduzindo a análise para: A partir das concepções de John Dewey sobre democracia e educação, sua proposta filosófica de educação ainda se faz pertinente diante da análise dos estudiosos de sua obra, aos temas e problemas da educação brasileira nos dias atuais?

Diante dos estudos teóricos a respeito da filosofia da educação de John Dewey, os conceitos de democracia e educação pensados por ele, remetem a um constante exercício de movimento do ser humano em dar continuidade ao progresso social. E, para tanto, o filósofo abre mão da crença dos dualismos sobre os conceitos clássicos para trabalhar com estes em consonância a fim de alcançar os objetivos por ele propostos.

A filosofia implica na elaboração de métodos viáveis que auxiliam o processo de formação humana, e que perpassam as correntes científicas da experiência. Assim, a filosofia trabalha na posição de questionamentos e interpretações das questões teóricas e práticas. Do mesmo modo, que a experiência enquanto um método prático da formação humana age para que as ações resultem em caráter valorativo do indivíduo, orientando ao progresso social.

Para John Dewey a sociedade deve ser constituída de interesses coletivos, havendo qualidade nas ações individuais, que possam contribuir também aos interesses mencionados acima, o que dificilmente ocorre na realidade da maioria das sociedades. Essa ação recíproca

deve estar associada à noção de movimento, ao levar em consideração que meio social sofre mudanças conforme seu tempo.

Percebe-se ainda que, a democracia seguindo a linha de pensamento deweyano para ser firmada como processo social, o sujeito tende a trabalhar em conjunto com pensamento e ação, ou seja, se o objetivo é viver numa proposta de interesses coletivos, o indivíduo carece de que as experiências sejam coletivas.

Portanto, levando em consideração o que foi estudado, a filosofia da educação deweyana contribuiu assim como pode contribuir significativamente para possíveis reformulações de métodos educacionais. Porém, o que vale ressaltar é que para que isso ocorra, é necessário que o meio social e os fatos históricos de cada ambiente social, sejam considerados na construção dos novos modelos. Por isso, torna-se necessária uma reflexão maior em torno desses apontamentos, por parte dos encarregados das reformulações curriculares em torno do ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, T. F. **Crescimento: John Dewey e sua contribuição à noção de formação no pensamento pedagógico moderno**. V. 1, ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação: Programa de Pós-Graduação em Educação, 2014.
- ANDRADE, E. N; CUNHA, M. V. A contribuição de John Dewey ao ensino da arte no Brasil. **Espaço, tempo e educação**. São Paulo, v.3, p. 301-319, jul./dez. 2016.
- BEVILAQUA, A. P. John Dewey e a Escola Nova no Brasil. Revista **Ciência & Luta de Classes Digital**. Fortaleza: CE, v.1, p. 3-1, 2014.
- CENCI, A. V. **Educação Moral em Perspectiva: concepções clássicas e desafios atuais**. v.1. ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2007.
- CARDOSO, C. J. John Dewey e o paradoxo do conhecimento: uma crítica aos modelos de educação. **Revista Maiêutica**. Indaial, v.2, p. 55-62, 2016.
- CUNHA, M. V. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. **Revista Brasileira de Educação**. n. 17, p. 86-98, 2001.
- CUNHA, M. V. **John Dewey: filosofia, política e educação, Perspectiva: Florianópolis**, v.19, n.2, 371-388, jul/dez. 2001.
- Da SILVA, C. B. **A Escolarização entre a Idade Média e a Idade Moderna**. 2004. 61 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Curso de Pedagogia, Centro de Ciência Humanas e Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- DWEY, J. **Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação**. Tradução de Golfredo Rangel e Anísio Teixeira, Ed.4, Nacional: São Paulo, 1979.
- DEWEY, J. **Democracia e Educação: capítulos essenciais**. Apresentação e comentários Marcus Vinicius da Cunha; Tradutor Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.
- DEWEY, J. **Experiência e Educação**, tradução de Renata Gaspar, 2ed. Vozes: Petrópolis, RJ, 2011.
- GONZATTO, C. R. A crítica deweyana ao ensino tradicional e sua herança como credo pedagógico. **Revista Filosofar**. Passo Fundo, n. 48, p. 127-140, jan./jun. 2016.
- LEÃO, D. M. M. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 107, p. 187-206, jul. 1999.
- MARIANO, M. R. C. P. A educação da antiguidade aos nossos dias - em busca de indícios da origem das avaliações. **Revista Tempos e Espaços Em Educação**. Sergipe: CE, v.5, p. 61- 76, jul./dez. 2012.
- PEREIRA, E. A; MARTINS, J. R.; ALVES, V. dos S. e DELGADO, E. I. A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, v.3, n.1, p. 154-161, mai. 2009.

RIBEIRO, P. R. M. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 4, p.15-28, fev./jul. 1993.

RODRIGUES, C. T. O desenvolvimento do pragmatismo segundo Dewey, V.5, **Cognitivo Estudos**: revista eletrônica de Filosofia. São Paulo, v.5, p. 198-203, jul./dez. 2008.

SAVIANI, D. J. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política, 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SBRANA, R. A. **A filosofia educacional de John Dewey e Jean-Jaques Rousseau**: um estudo comparativo por meio da análise retórica, Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, UNESP- Campus Araraquara, SP. p. 9-160, 2018

SCHMIDT, I. A. John Dewey e a Educação Para Uma Sociedade Democrática. **Contexto e Educação**. Ijuí, n. 82, p. 135-154, jul./dez. 2009.

SOUZA, R. A; MARTINELLI, T. A. P. **Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro**, Revista HISTEDBR on-line, Campinas, n. 35, p. 160-170, set. 2009.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena introdução à filosofia da educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 8. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.